

QUINTA-FEIRA
Lisboa -- 21 de Junho -- 1928

5 TOSTÕES

3.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

109



sempre **fixe** semanário humorístico

Propriedade
RENASÇENÇA GRAF
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

“Or plango or... como,”

RIO DE JANEIRO, 19—Ha innumeros pedidos para que o poeta Afonso Lopes Vieira realise uma conferencia sobre as “Caldeiradas luzitanas.”—(Serv. esp. do Sempre Fixe).



Isso é que é PÃO E ROSAS
sem espinhos nem espinhas,
seu maroto!...

O inspirado poeta no acto, não diremos de cantar o «ilustre peito luzitano», mas no de encantar o não menos ilustre estomago com uma caldeirada épica em 10 cantos... de pão de quilo.



Os ditos da semana



São João São João é o patrono dos bailaricos, ao ar livre. Não ha beco nem travessa que não vista as melhores galas no seu dia. Dança-se desde que desperta a iluminação electrica das ruas, até que desponta a aurora. Dança-se e ama-se no apertão, entre os suspiros da orquestra mais ou menos jazz-bandica e os suspiros arrancados ao fundo do coração, entre nuvens de poeira e pizadelas de calos. De S. João ninguem se lembra. Parece mais dia de S. Cupido do que dia de S. João, tal o culto que se presta ao amor.

Não ha nada que evoque a figura iluminada do Batista senão se for a agua misturada no vinho, como vaga reminiscencia das aguas lustrais do Jordão.

A pele de carneiro branco com que o Santo se cobria, aparece transformada em peles de rapozas velando os hombros das raparigas. E só o cajado do Santo não falta, porque o cajado costuma ter nestas folias uma intervenção decisiva, apalpando as costelas dos atrevidos que, esquecendo São João, e as maximas do seu evangelho, evocam de preferencia o D. João da lenda.

E' assim que o Batista, que prégava o caminho do ceu, volvidos tantos anos, prega com muita gente no caminho do Governo Civil.

Onda de calor Chegou finalmente o calor. Chegou inesperadamente, quando toda a gente julgava que os «palhinhas» não tinham este ano serventia. Chegou como chega muitas vezes um tio da America,

quando a gente já tinha perdido totalmente as esperanças de o tornar a vêr.

Veiu com toda a força, como todas as coisas que vêm tarde, como os amores serodios, como a agua da Companhia da dita, apenas com a diferença de que o calor veiu para ficar e a agua do sr. Carlos Pereira vem apenas para meter um susto á gente, para nos borrfar o fato e a cara e para se ir outra vez embora.

Metade da população anda de lingua de fóra, um pouco por causa do calor, mas aproveitando tambem o pretexto para fazer pouco da outra metade.

A boca seca-se-nos e os gorgomilos ficam como lixa.

O que nos vale é alguma piada fresca das revistas, um capilé ou copo com agua e alguma pedra de gelo que nos cai no coração quando nós dizem o preço de qualquer objecto indispensavel á vida.

E ainda nós não temos mui-

ta razão de queixa porque uzamos a pasta Couraça que lava os dentes e leva o calor, mas calculamos as aflições de certa gente de boca suja.

As mulheres, essas, são pau para toda a obra. Tanto se lhes dá que faça calor, como que neve. No inverno não sentem o frio, porque, embora muitas enverguem casacos polares, lá tiveram artes de localisar todo o frio em volta do pescoço, insensibilizando os membros a todas as intemperies. No verão, vestidas de mãe Eva, nem os cabelos já tem que as afrontem, o que ainda concorre para aumentar o calor ao sexo forte, entaipado dentro dum fato de cheviote, com um colarinho a apertar o pescoço, aflitivamente, como se fosse corda de forca.

Ainda ha dois dias que chegou o verão e a gente já suspira:

— Quem me déra cá o inverno.

Incompatibilidades Verifica-se — e o *Sempre Fixe* com grande magua o verifica — que o comercio é incompativel com a gramatica.

Percorrendo a secção de anuncios dos jornais, facilmente se adquire a certeza do que afirmamos.

Ainda ha dias fizemos de graça e por graça, reclamo ás laminas de Gilete Freire Graveur, e já hoje no anuncio da escova Sor — não julgue o leitor que isto é escova nossa — outro reclame de graça e por graça se nos proporciona. Começa assim: *sejais economicos fazendo durar os vossos fatos.*

Sejais? Sêde, sêde, ó vós que tendes sêde e fome de conhecimentos gramaticais. Experimentai a vossa escova na vossa gramatica, visto que ela tira todas as nodos e evita todas as traças. E' chegar gasolina nessa conjugação de verbos, a vêr se desaparece a nodoa da asneira que é muito peor do que nodoa de azeite.

E se a escova não der resultado, daqui lhe enviamos gratuitamente um conselho: experimente um professor de portuguez, que talvez dê melhor resultado do que a escova, ainda com a vantagem de não precisar de liquido especial.

Dr. Humberto Pelagio



“Cedant ars togae”, que é como quem diz:

--- Podia muito bem nunca ter felto outra coisa...



— Está preso! O senhor marcha pela esquerda e isso é sinal de que é bolchevista.



— Então vocês não sabem que já não temos Faculdade de Direito... é greve?

A pouca sorte do Braz Lições de zoologia

A Dona Micas Barradas
Que casou co'o José Braz
Tem na casa duas entradas
Uma á frente, a outra atraz.

Namora, muito em segredo,
Pela entrada da frente,
Um tal Doutor Figueiredo,
Filho de mui fina genté.

Pela entrada de traz,
Passa o tempo a namorar
o Luis, primo do Braz,
Com quem 'steve para casar.

Um dia, maldito azar,
O da frente, o Figueiredo,
Resolveu ir conversar
Co'a Dona Micas mais cedo.

Porque o Diabo a forjou
Ou porque a sorte assim quiz,
Ao chegar lá, deparou
Co'o tal priminho Luis.

Foi, como é natural,
Direito á porta de traz,
Dizendo não fazer mal
Enquanto não vinha o Braz.

Tudo isto se passou
Sem ninguém prejudicar,
Mas nesta altura chegou
O Zé Braz para jantar.

Foi logo com ligeireza
Pela entrada da frente,
Mas viu com gran surpresa
Que na mesma estava gente.

Retirou-se logo o Braz
sem ninguém incomodar
E foi vê se por de traz
Conseguiria entrar.

Mas como esta experiencia
Não dêsse o fim desejado,
Foi, cheio de paciencia,
Que disse, desconsolado:

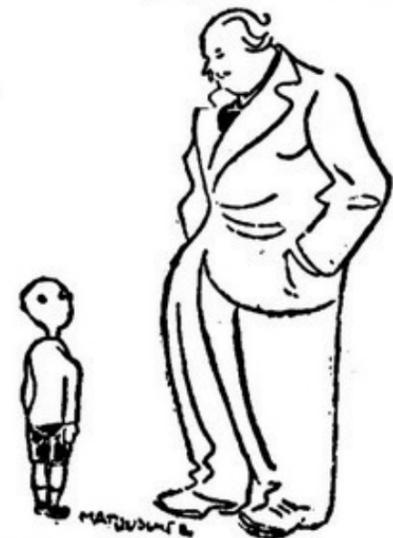
— Não 'stou nada satisfeito
E vou mudar de morada;
Acho na casa um defeito:
Devia ter outra entrada!

Dosafer.

A melhor pilha em Portugal



Pilhas secas para telefones, telegra-
fia sem fios etc. — Pedir nas melho-
res casas e armazens. — Representa-
nte geral para Portugal e Espanha
da Fabrica «Cordesia» — Escriptorio
Rua do Alegrete, 2-LISBOA



— Deus castiga os meninos que fa-
zem caretas, tornando-os muito feios.
— Tu fazias muitas caretas, tio?

O HOMEM

Duma nossa leitora, que se confes-
sa assidua, recebemos a carta que a
seguir inserimos:

Dr. Director do «Sempre Fixe»:

Sendo eu assidua leitora do mul-
to apreciado jornal *Sempre Fixe*
de que V. S.^a é mui digno Direc-
tor, tive ha dias a surpresa de
nele lér um artigo referente a uma
lição de *Zoologia* sobre a *Mulher*.
Como pertenco ao sexo atingido
lambrei-me escrever um pequeni-
no artigo sobre o que penso dos
homens como *charge* á local aci-
ma citada, crente que não apelo
em vão para a V. Benevolencia e
assim o artigo sairá no proximo
numero, satisfazendo a maior von-
tade de quem se confessa, De V.,
etc., *Sereia*.

Tem razão. O *Sempre Fixe* faculte-
lhe a defeza, D. Sereia, e agradece-
lhe a lição em que demonstra um per-
feito conhecimento do homem por
dentro e por fóra. Ai vai o seu judi-
ciosissimo artigo:

E' um dos animais carnivoros que
toda a mulher teme, mas apreciada
mais ou menos por elas, (e aí daque-
la que não goste deles).

O Homem pôde parecer-se com um
cordeiro quando deseja captivar as
femeas, um tigre na ocasião de as
possuir e um macaco dos mais velha-
cos quando pretende vêr-se livre da
presa que lhe caiu nas garras, poden-
do-se aumentar o qualificativo a ma-
cação conforme é menor ou maior a
proeza cometida.

E' carnivoro pois aneia sempre a
carne, mamifero até aos 10 meses por
ser um grande mamão e apreciador
das mulheres dos 14 anos para cima,
mal desponha o buço.

Tambem é por vezes achacado de
doença moda, que umas vezes lhe dá
para deixar crescer uns pelinhos so-
bre o lábio superior que os torna
muito parecido com um bode, chegan-
do a fantasia a usar calças que o
transformam num perfeito paquider-

me. Alguns têm o mau gôsto de usa-
rem um vidrinho num olho que os
obriga a fazer caretas e momices
aproximanda-os o mais possivel ao
Faustino.

Possuem um grande defeito; o de
troçarem e amesquinharem as mulhe-
res, estando, porém, sempre ansiosos
por elas, não podendo mesn.o passar
sem esses animais que eles qualificam
de tudo quanto ha de pior. Elas, pelo
contrario, humildes e meigas, relevam
esse defeito, submetendo-se ás suas
maldades.

Estes animais são prodigos até á
ruina ou exploradores ao grau super-
lativo.

O homem, ao contrario dos objectos
de arte, quanto mais antigos mais des-
valorizados se tornam a ponto de mu-
tas vezes provocarem nauseas. A fór-
ma mais pratica de apreciar tão vul-
gar exemplar, é is á Cocheira do Ca-
fé Chiado ou ainda ao Curral do Ma-
xim's e noutros tantos locais onde
eles roçam a sua ociosidade.

O bicho, porém, está bem estranha-
do no cérebro da mulher contribuindo
para a grande frequencia no insti-
tuto Miguel Bombarda ou ainda na
Idanha.

Velhaco como um tigre e dotado de
uma volubilidade sem limites, o ho-
mem é um daqueles animais que ao
atingirem a idade perigosa, pregam
com a mulher na casa que mais pro-
xima tenha uma cruz preta, levando-a
muitas vezes ás mesas de laparotomia
e daí ao cemiterio a que pertença a
area.

Dois homens e uma mulher provo-
cam, apesar de tudo, uma scena de
pugilato; três homens reunidos, uma
péga, e mais de três uma revolução.

Na totalidade é um bicho difficil de
aturar pelos inumeros defeitos que
tem.

Este exemplar quando atinge o títu-
lo de esposo e pai, modifica-se num
perfeito leão das selvas e quando só-
gro sofre uma transformação radical
e passa a ser um autentico pantera.
Enfim — O animal mais parecido com
o homem é o hipopotamo.

Sereia.



— O mestre não acredita na eficacia dos modernos desinfec-
tantes, como formol, sanodol e outros terminados em oi?
— Acredito, mas no meu tempo já havia dois e muito superio-
res. Eram o sol e o briol!

Trez a um

Os jornais da ultima semana infor-
mam que no campo de Palhavã se
realizou um encontro de *foot-ball* en-
tre os *onzes* da Policia de Segurança
Publica de Lisboa e o pessoal da Com-
panhia dos Telefones.

E a completar a local, diz-nos que
a policia ofereceu grande resistencia,
o que não evitou, porém, que os dos
telefones vencessem os simpaticos mo-
ços da *Parretrinha*, metendo três *goals*
na barretina policial.

Vossas Excelencias estão a vêr o
que teria sido um desafio entre pes-
soas que, na mór parte das vezes, es-
tão *impedidas*. Umas, com prevenções,
outras, em discussões.

Mas o que causa um certo espanto é
a derrota da policia.

Ainda ontem fizemos num telefone
três ou quatro *avançadas* para ligar
a outro lado, sem nada conseguir, por-
que a menina da *rêde* se defendia com
unhas e dentes, como qualquer Za-
mora.

Cançados, puzemos o auscultador ao
centro, e nova *avançada*. Nada!

Pedimos a intervenção do *refree* das
reclamações, mas este, que «estava
feito» com a jogadora, tal qual o ita-
liano do Portugal-Egito, deixou-nos na
mesma.

E acabou a primeira parte do desa-
fio.

Um quarto de hora depois, voltámos
á carga. *Avançamos*. A *rêde* resistiu.
Mas por fim, três quartos de hora vol-
vidos, conseguimos fazer a ligação.

Ora nós, cuja resistencia é bem me-
nor que a da policia, admiramo-nos,
e com certa razão, da sua derrota por
um objecto que nós, não sem uma cer-
ta dificuldade, lá conseguimos vencer
de quando em vez, quando a menina
da *rêde* nos deixa meter um *goal*. Ali,
mesmo nas bochechas do telefone!...

A republica federativa de Azenhas do Mar

Uma povoação que progride a olhos
vistos: Azenhas do Mar. Um exemplo
que devia ser seguido por todas as
terras do país que ainda não têm uma
escola: a construção por subscrição
publica duma aula de meninos que é
um amor de estabelecimento de en-
sino.

Dá vontade de aconselhar algumas
pessoas nossas conhecidas a frequen-
tarem de novo primeiras letras, ma-
triculando-se na escola primaria ofi-
cial de Azenhas do Mar, onde se
aprende por gôsto o b a ba fugiu a
burra, e outras noções historicas e li-
terarias que muito convêm a quem se
destina á carreira das letras.

Com a epidemia de progresso, rapi-
da e fulminante, que está grassando
na pitoresca povoação do concelho de
Sintra, tudo faz prever que as Aze-
nhas do Mar proclamem em breve a
sua independencia, formando com os
povos visinhos uma republica federa-
tiva, sob a presidencia do nosso amigo
Alberto Totta, que exercerá o poder
executivo da harmonia com o alto
parecer dos homens bons de Janas,
de Colares e mesmo da Praia das
Maças.



— Balas blindadas?
— Não faz mal. Não são para meu
uso pessoal...



A RECOMPENSA

Uma gente pobre, muito pobre, habitando numa casa onde tudo respirava miséria, sentiu certo dia, mais do que nunca, a certeza de que não arranjaría esmolas que chegassem nem sequer para comprar um pão.

De repente, a mulher e o marido, cobertos de andrajos e mudos de espanto, viram parar á porta da sua casa um colossal e esplendido Rolls-Royce, do qual saltou um gentleman, elegantemente vestido, em cujos dedos faiscavam brilhantes de muitos quilates.

Acorreram a porta a recebê-lo. Então o gentleman pergunta:

—Recordam-se de que ha perto de 20 anos, numa noite frígida de inverno, recolheram sob este tecto um rapaz cheio de fome e de frio, que lhes disse que ia emigrar, na manhã seguinte, para o Brasil, e generosamente o deixaram pernoitar nesta casa e lhe encheram a sacola de pão para a viagem?

A mulher ia dizendo sempre que sim com a cabeça e o homem continuava:

—E como todas as boas acções são premiadas...

Nesta altura, a mulher olhou e n. a. rido e, a choramingar, repetiu num tom doloroso a mesma frase de recompensa, ao mesmo tempo que uma esperança lhe transparecia no olhar.

E o gentleman continuava:

—Pois esse rapaz que numa noite de inverno aqui agasalharam e que á despedida lhes disse que, quando um dia voltasse rico, lhes daria a justa recompensa da sua boa acção, encontra-se no Brasil e pediu-me para vir aqui dizer-lhes que ele se não esqueceu da sua palavra, mas que vão levando a vida com paciência porque ele continua na mesma miséria...

Sensacional!

Nos cartazes dumas festas de Santo Antonio appareceram annunciados varios numeros sensacionais, que devem ter causado a admiração do nosso publico. Entre eles, um que nos despertou a atenção. Diz assim:

«Haverá tambem venda de pevides e de tremoços.»

Hão de concordar que isto de vender pevides e tremoços é uma coisa sensacionalissima!



—Queres almoçar comigo?
—Com muito gosto.
—Pois então anda lá; vai a tua casa e diz á tua mulher que ponha mais um talher.

AS EXCENTRICIDADES AMERICANAS

“O clic-clac-club”

—O senhor gosta de excentricidades?—preguntou-me uma manhã Mr. Piterclown, proprietario do hotel de Nova York, em que eu me hospedara.

—Sim, senhor Piterclown.

—Nesse caso, vou levá-lo a visitar o club de Nova York, que tem o record da originalidade.

—Que club?

—O Clic-Clac-Club. E' um club onde não entra quem quer. E a maior parte dos yankees ignora mesmo a sua existencia. Pois iremos esta noite ao Clic-Clac-Club!

* * *

—Como vê—disse-me Mr. Piterclown logo que entrámos no Clic-Clac-Club—nada parece anormal. E' o club classico por excellencia. Mas entremos na sala de jogo.

Em volta duma grande mesa, estavam reunidos homens de varias idades, mas que se via pertencerem á melhor sociedade. Ao distribuir as cartas para o baccarat, o jogador que fazia banca annunciou com voz calma:

Meus senhores, ha quinze bofetadas na banca.

—Tópo!—disse uma voz.

O banqueiro voltou a carta. O jogador tinha perdido.

—A banca tem trinta bofetadas—continuou o banqueiro.

Não percebendo coisa alguma, puxei Piterclown para um canto da sala e disse-lhe:

—Mas isto é uma casa de doidos!

—Ora essa! Eles estão no seu direito de jogar bofetadas em vez de dollars. Eu já o tinha prevenido que estamos num club de excentricos. No Clic-Clac-Club, as fichas compõem-se simplesmente de bofetadas. E' uma questão de convenção. De resto, a regra do jogo é muito simples. O que ganha tem o direito de administrar nas bochechas do que perde a totalidade do seu ganho de bofetadas.

—Então, após a partida, todos estes tipos vão aplicar uns aos outros interminaveis series de estalos? Mas isso é um divertimento de brutos!

—Não! De neurastenicos! Estes pobres diabos o que querem é distrair-se. De resto, os pagamentos não se efectuam geralmente em bloco. Quem ganha tem o direito de distribuir as suas

bofetadas em qualquer dia, em qualquer sitio e a qualquer hora. E quem perdeu tem que as receber sem pestanejar. Já se tem visto os crédores irem acordar os devedores a altas horas da noite para lhes administrar as bofetadas ganhas. E a proposito, vou-lhe contar uma historia que se passou ha pouco tempo.

«Conhece Jim Corbett, o boxeur? E' um antigo habitué do Club e um belo jogador. Já o vi perder, uma noite, uma banca de 720 bofetadas. Sim, senhor! 720 bofetadas! Já é uma soma! E' verdade que Jim pode suportar facilmente um tal desastre.

E, contudo, ele não é o terror dos que perdem. Jim está habituado a dar sócos, mas não sabe dar bofetadas. E' uma questão de treino. Jim é pugilista, não é bofetadista... Cada um no seu oficio...

Ora uma noite em que Jim annunciou:—«Ha nove bofetadas na banca!»—um rapaz magro, que vinha pela primeira vez ao Club, topou e ganhou.

Finda a partida, o rapaz magro apliquou sete bofetadas na cara impassível do boxeur. E disse:

—«Reservo as duas restantes para outra ocasião».

Alguns dias depois, andava o rapaz com a noiva num passeio sentimental em Madison Square, quando o celebre boxeur ali passou.

Ao vêr Jim Corbett, a lindissima rapariga não ponde reprimir a sua admiração:

—Não achas que é belo homem, meu querido?

—Ora adeus! Vais vêr como eu trato estes atletas...

E, largando a rapariga palida de medo, o rapaz foi ao encontro do boxeur.

—Ora ainda bem que o encontro, sr. Corbett. Eu sou seu crédor por duas bofetadas, não é verdade?

—Exacto! Pode pagar-se.

O rapaz magro levantou a mão e deu-lhe duas sonoras galhetas.

Jim Corbett afastou-se em passo rapido e contente por ter pago a sua divida de jogo.

O magricela voltou a assobiar para junto da noiva e disse apenas, com grande simplicidade:

—«Ora ahí está para que servem os homens grandes!»



—Sabes? comprei uma cautela do S. Antonio para oferecer a um amigo meu.
—E ele ficou contente?
—Ainda não sabe. Não vez tu que se sair a sorte grande fico com ela e depois compro outra para ele.

A VIRGEM DO MAXIM'S

Maria de Lourdes, era uma «virgem» que só em pedras falsas tinha para cima dum conto de réis.

Em roupas brancas pretas, e combinações duplamente caras, tinha ella o seu maior luxo.

Alli andava todas as noites no Maxim's... E quando dançava o Charleston e o black-bottom, mexia as mãos e os pés com tanta e tal elegancia, que dir-se-lá, Maria de Lourdes recordava dias passados: os tempos em que, criada de um sargento reformado da Guarda Fiscal, andava, lá por casa, lavando as roupas aduaneiras...

Ontem á noite, Maria de Lourdes, depois de uma ceia regada a capricho, com um esplendido Burjacas, contou-me, com desgosto, que brevemente seria mãe.

—Mas como arranjaste tu isso? Interroguel...

—Eu sei lá, meu filho, é isto que estás vendo...

* * *

Pois Maria de Lourdes, a «Virgem do Maxim's», com o esquecimento da droga, trouxe-me á memoria esta anedota que li algures, ha um bom par de anos, quando ainda não sonhava na necessidade de ter graça todas as semanas e á mesma hora:

«Tomás, procura em casa o seu amigo Lubino, a quem diz cheio de magua:

—Estou desesperado, Tomás. Não sei o que fazer... Estou desesperado! Minha mulher vai oferecer-me outro herdeiro! O setimo em sete anos! E' demais!...

—Sossega, homem—responde Tomás.

O caso não é assim tão grave como julgas...

—Homessa! Mais um filho, e tu achas que isso é muito agradável...

—Não é nada disso. Escuta: minha mulher tambem tinha as mesmas proensões. Mas um dia um medico amigo, arranjou-me uma droga que evita esse inconveniente. E tu vens cá numa ocasião esplendida. Minha mulher foi viajar, e não necessita agora do especifico.

Vou-te dar o frasco. Está ali naquela gaveta.

Lubino abre a gaveta da comoda e diz a Tomás, no tom mais natural deste mundo:

—Demónio! Levou-o consigo!...

Luiz Figueira.



—Já foste vêr a bailarina nua?
—Ora, Muito mais nua costuma a minha mulher sair para a rua.

Elevador da Gloria

Acaba de realizar-se algures, com a assistencia de figuras marcantes, uma exposiçao de solípedes nacionais. Vieram á estampa magnificas estampas cavallares, e inumeros e competentes visitantes de *certamen*, que deu brado pelo brilho e seleçao dos exemplares patentes, embora feitas bem as contas, não devem ser, tanto em numero como em qualidade, os melhores e os maiores.

O solípede nacional, apurado no tipo, de bom sangue, corredor ou matreiro no piso, dançarino exímio, amigo de forragem e nem sempre amigo do seu amigo, está naturalmente na ordem do dia.

Não são apenas as exposições de arte, onde se empregam tantas mãos, que devem interessar a opinião publica. As exposições de gado, onde as mãos fazem de pés, o que delicadamente dizemos para não dizer patas, despertam mais entusiasmo. O cavallo é o rei dos animais. Vai a toda a parte. Galga, pula, monta, sobe. Ha um no Terreiro do Paço que é uma obra prima de estatuaria permanente. O cavallo civil, já em desuso pelo abuso do taxi, é pachorrento e come pouco. Quando novo, parece velho. Montam-no com facilidade. Tem sobr'olhos de cabedal, para seguir pela direita, como o regulamento manda, embora a esquerda seja mais tentadora, pela facilidade de encontrar sombras e outros atractivos que a natureza dantes prodigamente lhe oferecia. Quanto aos outros, nada posso dizer. Sei apenas, ensina-m'o a historia, que houve um cavallo romano, de apelido *Calígula*, que foi imperador. De então para cá, *Calígulas* propriamente ditos não tem havido nenhum. Que se saiba. No entanto, ha muito ser humano que inveja a sorte da cavalari magestade e, que, como ela, rege os destinos da sua pequena familia, olhando impavido o horizonte marítimo, talvez sonhando talvez dormindo!

Ser ou não ser, eis a grande questao. Cavallo? Burro? Homem? Interrogações tremendas, onde muito talento tem escorregado, na conquista, a quatro patas, da ambição.



— Como deseja o cabelo? A' «garçonne»?



— Então você treme dessa forma só porque eu lhe digo que vai sair um passarinho?!

A jornada alegre dum beberão ou uma cegonha que acaba triste

José Aguas era um pobre diabo a quem o destino caprichoso fizera renegar o apelido da familia.

Honesto, trabalhador, belo camarada e bom cidadão, o alcoolismo tornara-o, por ifm, um desleixado, mandrião e *ramboia*, gastando no vinho os raros cobres que auferia do não menos raro trabalho que por vezes executava.

A mulher, coitada, ralava as estopinhas para o aguentar, andando sempre á coca dele pelos tascos, carvoeiros, adegas e tendinhas, demais dando-se o caso dele não ser persistente aqui ou ali, pois, segundo o proprio José Aguas confessava, no capítulo «vinhacio» não podia ser constante neste ou naquele estabelecimento, visto que, a certa altura, alteravam o vinho, introduzindo-lhe «elementos da familia»...

Era raro o dia, portanto, que o José Aguas não apanhava a sua *piéla*, regressando a casa, quasi sempre, a reboque da sua resignada companheira, ou, então, quando só, a largos *zig-zags* pelo caminho, espalhando o terror na gataria noctívaga do bairro.

Os companheiros das libações tinham por ele uma tão particular veneração que o collocavam sempre á cabeça de qualquer *riachada*; e abertura de casco a que o José Aguas faltasse era como se a *pinga* perdesse a sua graduação... Era boa, era pura, mas faltava lá, para a consagrar, o... Aguas!

Assim, certo dia foi planeada lá para as bandas de Chelas uma caldelrada de truz, com vinho novo em cima da mãe (salvo seja...), etc.

Tudo combinado á chucha calada, para a consorte não dar pela coisa, no proprio dia o bom do José Aguas disse á patrão que tinha de ir a Chelas, chamado pelo compadre, fazer um trabalhinho, e, por isso, só volta á noltinha.

A companheira não enguliu lá muito bem a tal historia do «trabalhinho»... Todavia, tomando as suas precauções, foi ella propria com o marido á estação do Rossio, e, uma vez ali, comprou-lhe um bilhete de ida e volta, não fosse o diabo cego, demais tratando-se do comboio de Chelas — que costuma andar para traz — e fôse elle parar ao «Cesteiro»...

Por sim, por não, era mais seguro vê-lo partir e, como elle ia *têso*, sem vintem, a mulher ficou a despedir-se com a quasi convicção que, dessa feita, seu marido não se «engrossaria».

Pois sim... «Cegonha» foi ella que ao pobre José Aguas foi um ar que lhe deu.— Bebeu, bebeu... até que se perdeu!... Uma congestão fulminou-o no momento em que elle, inspirado, dizia para os seus confrades:

— Eu jamais seja Aguas se este vinho é meu parente!... E caiu... iludido, para sempre. Grande consternação na assembleia, é claro, e logo o compadre marchou para Lisboa, a participar á viuva o triste incidente.

— Pois é verdade! O nosso José Aguas morreu no seu posto, como um homem! Foi de caixão á cova!...

— O quê, compadre, já o enterraram? — Não... De caixão á cova quero eu dizer que foi uma *osga* mestra, daquellas que ficam memoraveis... «Pobre João... coitadinho...»

— E agora? — Agora, camafadinha, é fazer-lhe o enterro; para isso é que eu cá vim.

— E elle, o meu homem, onde está elle? — Ora, onde ha de estar! ficou em Chelas.

— O quê?! elle não veio com você?! Mas ha de vir... pois então!... para que paguei eu, afinal, o bilhete de ida e volta?!...

Pig-Meu

Na Praça da Figueira



---Mim querer comprar esta manjerica e esta passarinho!

BOM HUMOR

—E' certo que ficou viuva, mas olhe o preto fica-lhe bem.
—Sim... é o que me consola...

O marido:—Pois, como te ia dizendo, se ficar sem emprego, iremos para casa de teus pais.

A mulher:—E' melhor desistires. Não sabes que eles estão vivendo com os meus avós...

O contínuo:—Agora não pode entrar porque está reunida a comissão permanente.

—Não percebo! Se é permanente, como é que reúne?

—O que dizia o suicida nas suas ultimas disposições?

—Que, quando eu recebesse a sua carta, já seria um esqueleto!

—Imbecil! Queria fazer-te acreditar que o serviço dos correios anda tão atrasado?...

Ela:— Não posso casar-me consigo Amo outro.

O ex-noivo, que é decorador:—Então... compre, pelo menos, os moveis na minha loja...

Ela:—Com que direito disseste ao Alfredo que sou um idiota!

Ela:—Perdôa-me, filho. Não sabia que se tratava dum segredo...

Ela:—Confesso-te, querida, que as contas da tua modista fizeram-me gelar.

Ela:—Ainda bem! Que contente estou! Suportas tão mal o calor...

—Não reparaste ainda que ha um quarto de hora levas a bengala no ar?

—Tens razão! Que queres: estou tão acostumado a andar de guarda-chuva que me esqueço de que não chove...

O medico:—Esta bossa que o senhor tem na cabeça revela claramente que é curioso.

O doente:—E' verdade! Apanhei-a ao abrirem uma porta, detraz da qual es-citava...

A visita:—Tem um lindo jardim. Da fórma como está tratado decerto emprega um exercito de jardineiros!

O novo rico:—Nem por isso. Uns dezeseis. Estão agora neste momento a jogar o foot-ball com os meus *chauffeurs*...

—Emprestei cem mil réis a um amigo, mas não tenho nenhuma prova. Que devo fazer?

—Escreva-lhe, dizendo: «Envia-me os duzentos mil réis que te emprestei».

—Mas ele só me deve cem!

—Bem sei! Mas é que elle responde dizendo-lhe que só deve cem, e assim já fica com um recibo...



— Cavalheiro, pôde dar-me um pouco de lume?

CARNE DE MISSIONARIO

Esta succedeu numa floresta de Africa, ainda virgem, das muitas que por lá existem, e foi-nos comunicada pela T. S. F. pelo nosso representante local.

O reverendo Matafome, missionario catolico, rodeado de uma matula de negros antropofagos num á vontade de casa de banho, falava-lhes assim:

— Amados irmãos! Sei que tendes por uso comer-vos reciprocamente. E' preciso que penseis nas consequencias graves que daí vos poderão advir. Ha pretos que nem sempre estarão em condições de ser comidos, pois poderão ter lombrigas, ser tuberculosos ou sifiliticos. E' absolutamente necessario que, antes de abaterdes qualquer dos vossos amados irmãos, o façais examinar cuidadosamente pelo veterinario mais proximo. A carapinha nunca deve ser aproveitada como fazendo parte dos meudos da canja, pois que, sendo cabelos demasiadamente encaracolados, poderão enrolar-se nas paredes do figado, produzindo-vos coliccas. Podereis aplicar a carapinha dos vossos semelhantes, cosidas umas ás outras, em capachos e casacos de abafó para as vossas consortes. Não deveis comer nenhuma preta, nem mesmo *au sauté* ou com molho de vilão, por muito apetitosa que ela seja.

«Habituai-vos a enfardá-las, enviando-as para a Europa, com destino aos varios *dancings*, como exhibicionistas de *charleston*. Conseguireis assim uma optima fonte de receita para o vosso tesouro, pois este genero de pretas é muito apreciado além-mar.

«Em nome de Deus todo poderoso, suplico-vos que não volteis a comer-vos, a não ser em sentido figurado, fóra das regras que vos indiquei.»

E era estranho como aquela turba de negros ferozes não se lançava ao bondoso missionario, disputando o melhor bocado do seu bem fornecido corpo. Padre Matafome exultava de alegria por ver que, com as suas influentes palavras, havia pacificado aquele sanguinario povo, que ora o ouvia boquiaberto.

Porém, Liripipi, rei do país, que ostentava vaidosamente no pulso, á laia de pulseira, um pneu de automovel «Ford», unica peça que havia escapado á voracidade dos seus e de cujos beijos pendiam duas tibias, unicos sobreceletes poupados a um explorador americano que dentro do citado «Ford» se aventurara naqueles mata-gais, tomou a liberdade de quebrar o fio ao discurso do missionario, dirigindo-se-lhe nos seguintes termos e no idioma do seu país:

— *Stô. Fâ favô dizê preto que horas ser?*

O missionario, solícito, sacou do rego, informando:

— Poderoso soberano! Saiba Vossa Magestade que falta um quarto para as quatro.

Volve o preto:

— *Stô Matafome, meu jantá ser ds 6. Fâ favô dizê carne missionaria levá muito tempo a cosê!*...

F. G. Costa.



— Dizem que um homem casado vive mais tempo do que solteiro.

— Não. E' que o tempo parece mais longo.

OS DRAMAS DA VIDA

Um marido infeliz...

Vitor Placido é um meu antigo condiscipulo que conserva aos quarenta anos as mesmas illusões sobre o sexo feminino, que tinha aos vinte.

Ha tempos, encontrei-o radiante:

— Felicitá-me. Vou casar!

— Os meus sentimentos...

— Trocista! Não estragues a minha felicidade. Encontrei a perola das mulheres numa perola de dezotto anos, de olhos azuis e cabelos de ouro. Bem educada que nem tu imaginas. O pai, que é surdo-mudo ensinou-lhe o inglês, o francês, o alemão, o espanhol e o italiano.

— Poderás, pois, ser insultado em cinco linguas!

— Ora! E que tímida que ela é! Na rua, não levanta os olhos do chão. Está num armazem de fazendas, e o patrão gosta tanto dela que lhe dá um dote de dez contos.

— Isso é esquisito...

— Não estejas com insinuações...

E Vitor Placido deixou-me, evidentemente, amuado.

Alguns meses depois encontrei-o com um grande ar de tristeza.

— Ah, meu velho! Tu tinhas razão. Mas os homens são tão estúpidos!

— Fala antes no singular.

— Temos confiança nas nossas mulheres...

— Diz antes que tinhas confiança na tua.

— Elas são indignas disso...

— Não! A tua é que era indigna. Mas explica lá o que se passou.

E Placido explicou:

— Quatro meses após o nosso casamento, Suzana teve dois gêmeos. Exigi explicações. A chorar, confessou que tinha sido vítima da paixão brutal do seu patrão. Tive piedade da vítima, mas fui ter com o carrasco. Fiz barulho. Ameacei-o de ir contar tudo á mulher dele. Ofereceu-se para

adotar um dos gêmeos, ficando eu com o outro. Recusei. Finalmente arranjou-se tudo. Comprometeu-se a pagar as despesas da ama, mais uma pensão mensal dum conto de réis á mãe.

— E não pôs nenhuma condição?

— Uma só. O direito de ver os seus dois filhos, uma vez por semana. E passou a vir todos os sabados a minha casa.

— Na tua presença?

— Não. Eu ia dar uma volta. Ele ficava só com a Suzana e os dois petizes. Ora no sabado passado, entrando mais cedo, surpreendi-o com a Suzana no canapé, numa atitude pouco equívoca. Zanguei-me e gritei:

— Miseravel! Isso é que se chama abusar! Uma vez, vá! Mas duas é demais!

«Depois saí, batendo com a porta.

— E depois?

— Depois, quando voltei para jantar, encontrei a casa vazia e a seguinte carta sobre uma mesa:

«Imbecil, tu insultaste o pai dos teus filhos! Não perdoaste uma falta a um homem que nos pagava uma pensão dum conto de réis por mês. Indignado com a tua ingratição, ele ameaçou-me de cessar os pagamentos se eu não partisse com ele. Ora a vida está cara. Deixo-te e levo os petizes.

— Tua antiga mulher, Suzana.

— Desde que ela levou os meudos, deves estar contente...

Mas Placido respondeu-me como-vi:

— Não. Eu já gostava tanto daquelas pobres crianças!

E, com um soluço na garganta, acrescentou:

— Eles já começavam a chamar-me *papá!*

C. S.

No Jardim da Estrela



— Como queria V. Ex. que eu a visse no meio de tanta creança.

UM BOM CONSELHO

O Sabido, perante qualquer destas noticias sensacionais do estrangeiro — um grave conflito que se esboça entre dois países, a previsão duma guerra inevitavel ou de qualquer colisão internacional — fica sempre sobre braças.

As grandes descobertas scientificas, deixam tambem o Sabido em estado comatoso e na convicção de que, afinal, não sabe nada.

E qualquer destes artigos, em que se analizam certas correntes de politica internacional, que podem trazer graves prejuizos para determinadas potencias, em proveito de outras, deixam-no seriamente preocupado e apreensivo.

Foi o que ha dias aconteceu. O Sabido, já na cama, lia o *Diario de Lisboa*, quando se lhe depara um curioso artigo, sobre um novo imperialismo anglo-americano, que se esboça nitidamente, e a que anda ligado o problema dos canais de Suez e do Panamá, na posse dessas potencias, com grave prejuizo para todas as outras, no caso de conflito internacional.

O Sabido ficou palido. Comunicou logo á esposa, que ia precisamente a entrar no seu primeiro sono, as suas apreensões. E não se conteve sem lhe ler o artigo todo. Ela, bocejando, não pareceu, porém, muito alarmada e disse apenas:

— Mas para o que te havia de dar agora! Tens muito tempo de pensar nisso. E ainda tens aquele panamá do ano passado...

E a pobre senhora ia, novamente, a cair nos braços de Morfeu. Mas o Sabido, vendo que o sono não a tinha deixado aquilatar bem a gravidade do facto, tornou convicto:

— Mas menina, é que não viste bem. E' uma coisa em que se deve pensar quanto antes. Pregunta-se, e muito bem, no artigo, se os que não são ingleses nem norte-americanos, poderão aceitar, de braços atados, esta hegemonia sem precedentes. E não tenhas duvida. Isto não pode ficar assim.

— O' filho, murmurou então a pobre senhora com os olhos a fechar-se, tens razão, mas são dez e meia, deixa isso para amanhã. Tu tambem, a esta hora, já não fazias nada com geito. E adormeceu.

A. C.



O admirador — Como ela dança deliciosamente o *chaleston* com os dedos!



O que se diz e o que se não deve dizer

Ciclone contra Furacão

No domingo devia realizar-se um desafio entre o Sporting e o Foot-ball Club do Porto.

Mas, por patriotismo, os portuenses resolveram transformar o match em treino para a ida dos Leões ao Brasil — e não se fala mais nisso...

Imaginem que belo cartaz: — Ciclone contra Furacão.

O resultado era, com certeza, um cataclismo!

Um leigo pergunta-nos o que é o rugby.

O rugby é um foot-ball em que o pontapé é dado com as mãos.

Conta um jornal belga que, uma bela noite, dois sportsmen automobilistas saíram dum bar depois de copiosas e variadas libações.

Era já tarde — umas três horas — e o automovel de um deles esperava-os á porta. Subiram, o dono tomou o volante — e começou uma corrida doida pelas ruas desertas.

O carro subiu para os passeios, desceu, fez zig-zags, fez voltas a toda a velocidade.

Como a correria fôsse a mais e o convidado estivesse farto de vêr passar por junto de.e uma quantidade imensa de candieiros com os quais só por milagre o carro não esbarrava — aconselhou:

—«Homem, vê lá se vais mais devagar!»

O outro pareceu não fazer caso porque o automovel continuou a andar desenfreadamente.

—«Olha que tu vais esbarrar de encontro a algum candieiro. Toma cuidado!»

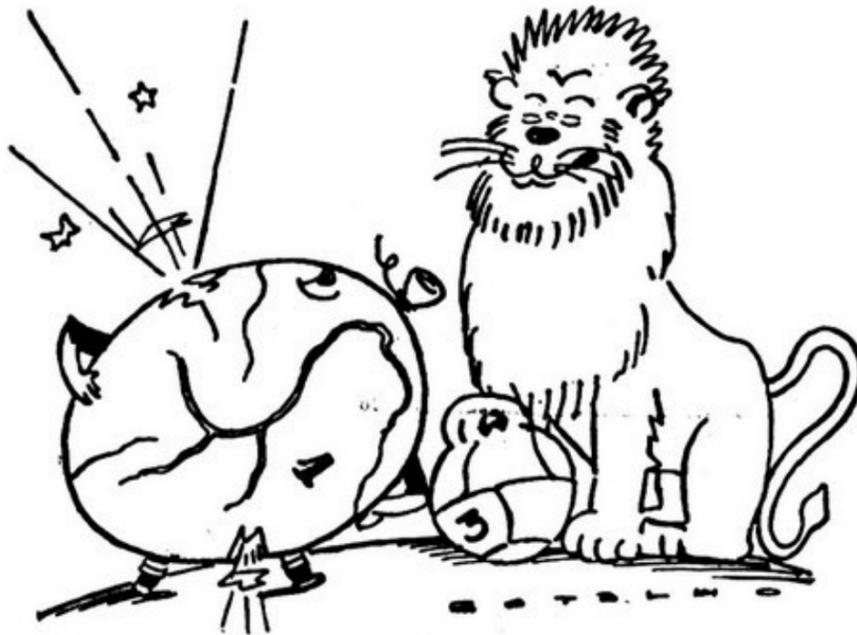
Tudo continuou na mesma, até que o companheiro, já deveras assustado, acabou por gritar aos ouvidos do chauffeur:

—«Pára, com mil diabos, pára dum vez.»

Então o que guiava, com uma voz lenta, peganhosa perguntou muito naturalmente:

—«Olha lá, mas não és tu que vais ao volante?»

RANA ET BOVIS



— Era uma vez uma boxeiga que para ser do tamanho dum Leão tanto inchou que... arrebentou.

A ultima competição Lisboa-Porto em atletismo foi muito discutida no Martinho, pela vitoria de Garnel sobre Cardoso, no lançamento de disco.

Um cavalheiro respeitavel que, sózinho numa mesa, ouvira falar em disco, inquiriu, com grande curiosidade dos nomes. E, quando lh'os disseram, estranhou:

—«Não conheço! Nos discos, quem eu mais aprecio é o Menano, nos fadinhos...»

Os boxeers profissionais estrangeiros adoptam, ás vezes, uns nomes algo extravagantes.

Apareceu no Circo de Paris um pugilista espanhol — Ciclone.

O francês Dastillon tomou a alcunha de Furacão.

Como os dois homens são do mesmo peso — meio-levés — seria admiravel organizar um combate entre os dois.

CIVILIDADE



— O menino para ser bem educado deve quando vae no electrico oferecer o lugar á primeira senhora que entrar.

Tem a bondade minha senhora, toma o meu lugar!...

FOCO SEMANA

TUDO DERRETIDO

EU E OS BONECOS TAMBEM NOS IAMOS DERRETENDO NO MEU SOTÃO

E FOI ASSIM QUE O LEITOR SE DERRETEU AS NOITES PASSADAS

130° A SOMBRA



OS NOSSOS CAVALEIROS DERRETERAM-SE MUITO EM ESPANHA COM AS ESPANHOLAS E COM OS PREMIOS QUE GANHARAM.

(OS CAVALOS TAMBEM)



NA S.^a BELAS ARTES MALHÔA DERRETE-SE COM AS OVAÇÕES E COM O CALOR DA SALA DADO PELO SOL, QUE DESTA VEZ NÃO LHE FOINADA SIMPATICO

AS CRIANÇAS DERRETERAM-SE IMENSO COM AS FESTAS QUE LHE DEDICARAM.



A SEMANA DO CRIANÇO

A LOTARIA DE SANTO ANTONIO VAI DERRETER-SE PARA C LOBITO



BOTE LHO AOS PÉS DERRETIDO DE V. EYA

A COMISSÃO QUE MANDA DIZER A MISSA DE BEETHOVEN G. DA SILVA DERRETE-SE TODO COM AS DAMAS VIEIRA LISBOA-CONTRALTO-PELA F. CABRAL DERRETE-SE PELA BATUTA - FÓRA O NARIZ



M.^o OLIVEIRA DERRETE-SE POR ENSAIAR E DEITAR A LINGUA QUASI DE FÓRA.

TEN.^o VALENTE DERRETE-SE COM AS MASSAS... SEM SER CORAIS

QUAL OS ORFEONISTAS SE DERRETEM